



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



**WILLIAN PATRIK PEREIRA RODRIGUES**

**RELATÓRIO TÉCNICO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**PERCEPÇÃO DE BARREIRAS PARA A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA EM**

**PESSOAS TRANSGÊNERO**

Campo Grande – MS

2024

WILLIAN PATRIK PEREIRA RODRIGUES

**RELATÓRIO TÉCNICO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**PERCEPÇÃO DE BARREIRAS PARA A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA EM**  
**PESSOAS TRANSGÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado em formato de Relatório Técnico, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Bacharelado em Educação Física, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

**Orientador:** Prof. Dr. Joel Saraiva Ferreira

Campo Grande – MS

2024

## **RESUMO**

Pessoas transgênero, aquelas que não se encaixam no conceito de binariedade, encontram grandes desafios para manter uma vida ativa e seguir uma rotina de exercícios regulares. As dificuldades para realização dessas atividades, chamadas de barreiras para a atividade física, podem ser analisadas e determinadas por meio de alguns parâmetros, que ajudam a entender quais questões essa população precisa enfrentar para que atividades corporais possam ser acessadas por elas. Diante disso, o presente estudo foi realizado com o objetivo de identificar as principais barreiras para a prática de atividades físicas por pessoas transgênero. Para tanto, foi aplicado o questionário com 19 fatores distintos em que cada respondente determinava o quanto esse fator impedia a inclusão de atividades corporais em sua rotina, em uma escala de 5 níveis que variavam entre “nunca” e “sempre”. A participação foi de homens e mulheres trans, travestis e não-binários, pertencentes à comunidade acadêmica de uma universidade pública da região Centro-Oeste do Brasil. Os resultados indicaram como principais barreiras questões relacionadas a falta de tempo, devido à longas jornadas de trabalho e, sobretudo, preconceito e insegurança ocasionados pela transfobia que permeia ambientes voltados à prática de atividade física, como academias por exemplo. Concluímos que a inatividade física dessa população está relacionada na maioria das vezes a questões sociais ligadas à transfobia e disforia de gênero, associadas a falta de tempo que uma rotina atarefada ocasiona.

**Palavras-chave:** Pessoas transgênero; Barreiras; Atividade física.

## **ABSTRACT**

Transgender individuals, those who do not fit into the concept of binarism, face significant challenges in maintaining an active life and following a regular exercise routine. The difficulties in engaging in these activities, known as barriers to physical activity, can be analyzed and determined through certain parameters that help us to understand the issues that this population must confront in order for physical activities to be accessible to them. In light of this, the present study was conducted with the aim of identifying the main barriers to physical activity for transgender individuals. To this end, a questionnaire with 19 distinct factors was applied, where each respondent determined how much each factor hindered the inclusion of physical activities in their routine, on a 5-level scale ranging from "never" to "always." The participants were transgender men and women, travestis, and non-binary individuals from the academic community at Cidade Universitária, Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS). The results indicated that the main barriers were related to time constraints due to long working hours and, above all, prejudice and insecurity caused by transphobia that permeates spaces for physical activity, such as gyms, for example. We concluded that the physical inactivity of this population is mostly related to social issues tied to transphobia and gender dysphoria, along with a lack of time caused by a busy routine.

**Key words:** Transgender people; Barriers; Physical activity.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	6
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	8
RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	9
CONCLUSÕES .....	13
REFERÊNCIAS .....	13
ANEXO I .....	16

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se trata de uma atividade formativa, da disciplina Prática Científica II, do curso de bacharelado em Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Além disso, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) representa um dos componentes curriculares não disciplinares, sendo sua execução pré-requisito para a conclusão da graduação. Sendo assim, este estudo foi desenvolvido com base no método científico, a partir de uma estrutura textual acadêmica, apresentada a seguir.

A prática regular de atividade física é amplamente reconhecida como essencial para a manutenção da saúde e bem-estar. Segundo Campos (2015), ela pode ser definida como qualquer movimento corporal produzido pelos músculos esqueléticos que resulta em gasto energético. Isso inclui atividades como caminhar, correr, dançar e praticar esportes. A recomendação da Organização Mundial da Saúde - OMS (2020) é de que adultos pratiquem, no mínimo, 150 minutos de atividades físicas moderadas por semana. Essas recomendações são uma diretriz para promover a saúde física e mental, com o foco em prevenção e bem-estar a longo prazo.

No entanto, apesar dos benefícios conhecidos, muitas pessoas ainda enfrentam dificuldades para incorporar a prática de atividade física em suas rotinas diárias, sendo prova disso o fato de aproximadamente 37% da população brasileira ser considerada insuficientemente ativa fisicamente, ou seja, não atinge a recomendação da OMS para a prática de atividade física semanal (Vigitel, 2023). Essas dificuldades tratam-se das barreiras para a atividade física, que Santos et al. (2010) definiram como obstáculos percebidos pelo indivíduo que podem reduzir seu engajamento em comportamentos saudáveis. Ainda segundo Allison et al. (2005), a percepção de barreiras para a atividade física inclui tanto fatores internos, como características individuais, menor prioridade para a atividade física, e envolvimento com atividades relacionadas à tecnologia, como fatores externos, os relacionados à influência de alguém ou da família, falta de tempo, inacessibilidade e dificuldades de custo. Compreender essas barreiras é crucial para o desenvolvimento de estratégias eficazes que promovam um estilo de vida ativo para diversos grupos populacionais, inclusive aqueles que ainda estão excluídos quando se trata de formulação de políticas públicas direcionados à promoção da atividade física.

Quando se coloca a comunidade LGBTQIA+ brasileira dentro dessa análise, observa-se um comportamento distinto da população geral. Essa sigla corresponde à gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, queer, intersexo, assexuais e mais, e designa todas as pessoas que, por

orientação sexual, identidade e/ou expressão de gênero, ou características anatômicas, não aderem aos padrões do binário cissexual e da heterossexualidade (Bernini, 2021). Ela promove a coesão dos movimentos das minorias sexuais, reforçando a ideia de que essas pessoas formam um grupo social único. Ao mesmo tempo, a sigla destaca a diversidade de subjetividades dentro desse grupo, garantindo que nenhuma delas ganhe uma visibilidade desproporcional em detrimento das outras. Para essa pesquisa, haverá enfoque na sigla T, que representa pessoas transgênero.

No que diz respeito à etimologia da palavra, “transgênero” tem origem em duas partes: o prefixo “trans-” e o substantivo “gênero”. “Trans-” vem do latim e significa “além”, “por além”, “através de”. Já “gênero” tem origem no latim “genus” que significa “tipo”, “classe”, “categoria”, “sexo”. Com isso, a expressão transgênero reflete a ideia de uma identidade de gênero que vai além ou atravessa as expectativas tradicionais de gênero. Transgêneros são aqueles que não se identificam com o gênero atribuído ao nascer. Esse termo é abrangente e engloba diversas expressões e identidades que surgem a partir dessa experiência (Buosi, 2023).

Por conta disso, transgênero torna-se um termo guarda-chuva, pois inclui diversas expressões, como o termo “não-binário”, que se refere a indivíduos que não se enquadram na binariedade de gênero. Também existe a expressão “travesti”, que descreve pessoas que se identificam com o feminino, mas não com a ideia de “ser mulher”. Originalmente, esse termo era utilizado de forma pejorativa, mas atualmente foi ressignificado pelas próprias travestis, que o adotaram como forma de empoderamento. Goodman (2019) afirma que indivíduos que não são cisgêneros compõem entre 0,1 e 2% da população mundial. A nível nacional, Spizzirri (2019) aponta que cerca de 1,9% da população brasileira se identifica como pessoa transgênero, travesti ou não-binária, o equivalente a, aproximadamente, 4,07 milhões de indivíduos.

Observando as particularidades da população transgênero e sua relação com práticas corporais e exercícios físicos, observa-se um padrão distinto do restante da população. Estudos como o de Jones (2017), apontam que os níveis de prática regular de atividade física são menores quando comparados à população geral, o que contribui para diversos indicadores sociodemográficos dessa população serem preocupantes. Além disso, a violência e negligência sofridos por essa parcela da população resultam em uma expectativa de vida de 35 anos (Silva et al., 2019). O cenário, dessa forma, traz à tona o questionamento de quais fatores contribuem para que mulheres e homens trans tenham um estilo de vida menos ativo e como eles se estabeleceram, ou seja, quais barreiras impedem a realização de atividades físicas por essa parte da população. Esses dados apontam que a prática de atividade física por pessoas transgênero

tem singularidades e que essas devem ser identificadas e estudadas, a fim de entender como elas se moldam e aumentar cada vez mais o acesso desse grupo à oferta de bens e serviços voltados à saúde e bem-estar.

No contexto da UFMS, é essencial analisar os principais empecilhos que impedem a prática regular de atividade física na comunidade acadêmica. Essa análise é fundamental, pois está alinhada com os valores da universidade, que prezam pelo respeito e independência (UFMS, 2024). Dessa forma, prezar e garantir a saúde e bem-estar de seus acadêmicos, servidores e técnicos administrativos é parte de seus princípios.

Ainda em relação à Cidade Universitária, como é nomeado o campus da UFMS em Campo Grande, destaca-se o Coletivo Transpor, grupo formado por pessoas transgênero, travestis e não-binárias vinculadas à universidade com intuito de oferecer suporte à comunidade trans universitária. Seu grupo na rede social “WhatsApp” tem 99 participantes, o que aponta número considerável de indivíduos pertencentes à letra T da sigla LGBTQIA+ na comunidade acadêmica. Isso evidencia ainda mais a importância de compreender a realidade e as necessidades dessas pessoas. Com isso, o objetivo geral deste trabalho foi identificar as barreiras para a prática de atividade física entre pessoas trans, na Cidade Universitária da UFMS.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esse é um estudo de caráter quantitativo, em que a mensuração de dados e a identificação de padrões é realizada por meio da análise de números e estatísticas. A pesquisa foi desenvolvida no período de agosto a novembro de 2024. Os dados foram obtidos remotamente, por meio de questionário online elaborado e compartilhado pela plataforma Google Forms.

O formulário foi dividido em três partes, as quais a plataforma Forms identifica como seções. Na primeira seção, a pesquisa foi apresentada. Nela está descrito qual é seu público alvo, quem é o responsável pela coleta de dados, sobre o que são as perguntas e qual a finalidade delas. Já na segunda seção, estavam os questionamentos a respeito de aspectos sociodemográficos dos entrevistados. O estudo considerou relevante três perguntas: idade, cor ou raça, utilizando os mesmos parâmetros que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) utilizam em seus censos, e identidade de gênero. Transgênero é uma expressão abrangente que engloba várias identidades distintas. Os tópicos estabelecidos foram: mulher

transgênero/identidades transfemininas, homem transgênero/identidades transmasculinas, travesti, não-binário e pessoa intersexo. Além disso, a opção “outros” também foi destacada, para o caso de alguma identidade não mencionada ser identificada dentre o público-alvo.

Por fim, na terceira seção, estavam as perguntas voltadas a barreiras para a prática de atividade física. Como instrumento para obtenção desses dados, utilizou-se o material proposto por Martins e Petroski (2000). Este instrumento é composto por 19 itens, cada um abordando fatores que podem dificultar a prática de atividades corporais. Para cada fator, há uma escala de frequência que avalia o grau com que ele impede tais práticas, variando entre “sempre”, “quase sempre”, “às vezes”, “raramente” e “nunca”. Existe ainda, ao final, a opção “outros”, para que haja a inclusão de alguma especificidade não mencionada dentre os fatores supracitados (Anexo I).

A população participante foi composta por pessoas transgênero, residentes no município de Campo Grande e vinculadas à comunidade acadêmica da Cidade Universitária da UFMS. Os dados coletados foram analisados e tabulados de forma a fornecer uma visão objetiva dos resultados.

Este estudo faz parte da pesquisa “Observatório de Atividades Físicas e Esportivas”, que foi cadastrada e aprovada junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPP/UFMS) e ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/UFMS), garantindo o cumprimento de todas as normas éticas necessárias para a realização de pesquisas com seres humanos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram obtidos 24 formulários com respostas válidas. Houve dificuldades para que as perguntas fossem bem distribuídas dentro dos diferentes públicos que compõem o público-alvo da pesquisa. Questões como dificuldades na comunicação, desconhecimento de possíveis respondentes da pesquisa e curto período para a realização da coleta de dados contribuíram para que as respostas por algumas parcelas do público-alvo fossem menores que o esperado. O link da pesquisa chegou a alguns grupos de “WhatsApp”, sendo um deles composto quase que totalmente por homens trans, o que tornou a participação dessa identidade de gênero mais

notória. No entanto, as perguntas não chegaram de maneira tão significativa a travestis e pessoas não-binárias, sendo o quantitativo de respostas desses grupos menor que o esperado.

Com isso, a maioria das respostas computadas, representando 79,2% da amostra, eram de homens transgêneros. Em seguida, 12,5% dos entrevistados eram mulheres transgêneras. A participação de travestis e pessoas não-binárias foi menor, com cada grupo representando 4,2%. A idade dos participantes variou de 18 a 46 anos. Já a composição étnico-racial dos respondentes foi composta por 66,7% de pessoas que se identificaram como brancas, 16,7% pardas, 8,3% negras e 8,3% amarelas. Vale ressaltar que não houve respostas de pessoas indígenas, o que limita a representatividade dessa população na amostra.

Com relação às barreiras, as informações foram tabuladas e organizadas na Tabela 1.

**Tabela 1:** Percepção de barreiras para a prática de atividade física entre pessoas transgênero da comunidade universitária da UFMS (n = 24).

Fatores	Barreiras para a prática de atividade física				
	Frequência de respostas				
	Sempre	Quase Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca
Jornada de trabalho extensa	33,6%	25,2%	33,6%	-	8,4%
Compromissos familiares	16,8%	12,6%	21%	25,2%	25,2%
Falta de clima adequado	4,2%	8,4%	50,4%	29,4%	8,4%
Falta de espaço disponível para a prática	12,6%	25,2%	33,6%	16,8%	12,6%
Falta de equipamento disponível	16,8%	12,6%	46,2%	12,6%	12,6%
Tarefas domésticas	12,6%	37,8%	29,4%	8,4%	12,6%
Falta de companhia	8,4%	21%	42%	16,8%	12,6%
Falta de incentivo da família e/ou amigos	4,2%	16,8%	12,6%	29,4%	37,8%
Falta de recursos financeiros	4,2%	37,8%	25,2%	21%	12,6%
Mau humor	8,4%	12,6%	33,6%	29,4%	16,8%
Medo de lesionar-se	4,2%	4,2%	12,6%	33,6%	46,2%
Limitações físicas	4,2%	4,2%	16,8%	33,6%	42%
Dores leves ou mal-estar	4,2%	4,2%	21%	37,8%	33,6%
Falta de energia	8,4%	29,4%	46,2%	4,2%	12,6%
Falta de habilidades físicas	4,2%	12,6%	37,8%	29,4%	16,8%
Falta de conhecimento ou orientação sobre atividades físicas	4,2%	25,2%	33,6%	16,8%	21%
Ambiente insuficientemente seguro	16,8%	8,4%	33,6%	12,6%	29,4%
Preocupação com a aparência durante a prática	33,6%	29,4%	21%	12,6%	4,2%
Falta de interesse em praticar	4,2%	4,2%	37,8%	16,8%	16,8%

É notável que poucos dos percentuais mais elevados, demonstrados na Tabela 1, estão nas categorias “sempre” ou “quase sempre”. Os tópicos com maior percentual de desmotivação para a atividade física foram a preocupação com a aparência durante a prática (62,5%) e a jornada extensa de trabalho (58,3%), quando somados os percentuais de respostas “sempre” e “quase sempre”. Considerando que o público-alvo desta pesquisa são pessoas transgênero que frequentam a Cidade Universitária, é interessante notar que a extensa jornada de trabalho, problema perceptível na população geral, se faz presente em uma população marcada pela

exclusão no ramo de atividades trabalhistas. O acesso ao ensino superior mostra-se como uma oportunidade de absorção desta população pelo mercado de trabalho.

Ainda sobre os maiores índices, nota-se prevalência dos fatores ambiente insuficientemente seguro, falta de equipamento disponível, falta de espaço disponível para a prática e realização de tarefas domésticas como barreiras que se destacam dentre as questionadas. Em contrapartida, os menores índices de desmotivação são vistos nos fatores “limitações físicas” e “medo de lesionar-se”, ambos com mais de 75% dos participantes “nunca” ou “raramente” deixando de praticar exercícios por essas razões.

Ao observarmos que houve aumento na prevalência de prática de atividade física no lazer entre adultos nos últimos anos (Cruz, Bernal e Claro, 2018), notamos que as pessoas trans não conseguem acompanhar esse padrão por motivos que vão além de sua vontade, as chamadas barreiras externas, mesmo que compromissos familiares, falta de incentivo, medo de se lesionar, limitações físicas, dores leves, “nunca” ou “quase nunca” são barreiras para a população avaliada no presente estudo.

No campo “outros”, o último do questionário, foram recebidas 6 respostas, todas relacionadas à disforia de gênero. Trata-se da incongruência entre o gênero experimentado ou expresso pela pessoa e o gênero designado biologicamente em seu nascimento (Domingues, 2022). Três dos relatos retratam homens não mastectomizados que se sentem incomodados por conta dos seios. O uso de binder, faixa compressora que oculta a aparência dos seios, se torna inviável por conta do desconforto em situação de esforço físico, o que ocasiona inatividade física. Os olhares e julgamentos em ambientes como academias também foram relatados como causa de desconforto e insegurança, resultando em desinteresse pela prática de determinadas modalidades. Homens trans muitas vezes encontram na musculação e nas artes marciais uma maneira de não só contribuir no controle de aspectos biológicos, mas também na construção da identidade masculina (Serrano, Caminha e Gomes, 2019), os quais identificam que na transfobia e no machismo, presentes nesses ambientes, há um fator que dificulta a sua prática.

Considerando o supracitado, é notório que para além das razões que levam a população em geral à não ser adepta a nenhum exercício físico, corpos trans enfrentam barreiras que são específicas de suas realidades. O preconceito e a transfobia influenciam diretamente nessa realidade, já que esses fatores externos ao indivíduo criam um ambiente de exclusão, estigmatização e violência simbólica que dificultam o acesso e a permanência dessas pessoas em espaços destinados à prática de atividades físicas.

## CONCLUSÕES

Apesar das barreiras encontradas, a população transgênero manifesta um interesse em se envolver em práticas corporais. O fato de os percentuais de respostas que indicam uma maior disposição para a prática de atividades físicas, mesmo que em menor frequência, serem mais elevados do que aqueles que apontam uma constante inatividade, revela uma disposição para superar desafios. Isso implica que, ao encontrar condições mais favoráveis, como ambientes mais inclusivos, apoio social e maior disponibilidade de tempo, essa população poderia se engajar de maneira mais regular em atividades físicas.

Portanto, os dados indicam que o desejo por uma vida ativa e saudável está presente na comunidade trans, mas o acesso a essas práticas ainda é restringido por fatores como transfobia, falta de tempo e infraestrutura inadequada. Essa realidade reforça a necessidade de políticas públicas e ações sociais que promovam a inclusão e a acessibilidade no âmbito das práticas corporais para essa população, permitindo que ela exerça seu direito ao lazer e ao cuidado com a saúde de forma plena e sem discriminação. É essencial que a sociedade e as instituições criem ambientes mais acolhedores, inclusivos e livres de discriminação, para garantir que todos, independentemente de sua identidade de gênero, possam acessar o direito à prática de atividades físicas de maneira plena e saudável.

## REFERÊNCIAS

BERNINI, Lorenzo et al. **LGBTQIA+**. Istituto della Enciclopedia Italiana fondata da Giovanni Treccani, 2021.

BOSCATTO, Elaine Caroline; DUARTE, Maria de Fátima da Silva; GOMES, Marcius de Almeida. Estágios de mudança de comportamento e barreiras para a atividade física em obesos mórbidos. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v. 13, p. 329-334, 2011.

BRASIL. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Dispõe sobre normas gerais de desporto e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 mar. 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm). Acesso em: 08 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Vigitel Brasil 2021: Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico**. Brasília, 2022. Disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/vigitel/vigitel-brasil-2023-vigilancia-de-fatores-de-risco-e-protecao-para-doencas-cronicas-por-inquerito-telefonico/view>. Acesso em: 26 out. 2024.

BUOSI, Bárbara Proença. **Barreiras e facilitadores para a prática da atividade física em pessoas transgênero**. 2023.

CAMPOS, Carlos E. Atividade física: conceito e importância para a saúde. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, v. 10, n. 2, p. 15-22, 2015.

CRUZ, Michele Santos da; BERNAL, Regina Tomie Ivata; CLARO, Rafael Moreira. Tendência da prática de atividade física no lazer entre adultos no Brasil (2006-2016). **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, p. e00114817, 2018.

DOMINGUES, Mariana Rosa Cavalli; DOMINGUES, Taciano Luiz Coimbra. **Implicações psicanalíticas da mudança de nome em pessoa transexual**. 2022.

GOODMAN, Michael et al. **Size and distribution of transgender and gender nonconforming populations: a narrative review**. *Endocrinology and Metabolism Clinics*, v. 48, n. 2, p. 303-321, 2019.

JONES, Bethany Alice et al. Barriers and facilitators of physical activity and sport participation among young transgender adults who are medically transitioning. **International Journal of Transgenderism**, v. 18, n. 2, p. 227-238, 2017.

MARTINS, Marcelle de Oliveira; PETROSKI, Edio Luiz. Mensuração da percepção de barreiras para a prática de atividades físicas: uma proposta de instrumento. **Rev. bras. cineantropom. desempenho hum**, 2000.

OLIVEIRA, Daniel Canavese de. Representatividade da população LGBTQIA+ nas pesquisas epidemiológicas, no contexto da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais: ampliar a produção de conhecimento no SUS para a justiça social. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 31, n. 1, p. e2022020, 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Diretrizes da OMS sobre atividade física e comportamento sedentário.** 2020. Disponível em: <https://www.who.int/publicati.ns/i/item/9789240015128>. Acesso em: 26 out. 2024;

POLO, Maria Clara Elias; OLIVAR, Jose Miguel Nieto; TAVARES, Giselle Helena. **Práticas corporais e população LGBTI+ na Educação Física: uma revisão de escopo.** Conexões, v. 20, p. e022007-e022007, 2022.

SANTOS, Mariana Silva et al. Prevalência de barreiras para a prática de atividade física em adolescentes. **Revista brasileira de epidemiologia**, v. 13, p. 94-104, 2010.

SILVA, Felipe Cazeiro da; SOUZA, Emilly Mel Fernandes de; BEZERRA, Marlos Alves. (Trans) tornando a norma cisgênera e seus derivados. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, p. e54397, 2019.

SERRANO, Jéssica Leite; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira; GOMES, Isabelle Sena. Homens trans e atividade física: a construção do corpo masculino. **Movimento**, v. 25, p. e25007, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Missão, Visão e Valores.** UFMS, 2024. Disponível em: [www.ufms.br/missao-visao-e-valores/](http://www.ufms.br/missao-visao-e-valores/). Acesso em: 07 jul. 2024.

## ANEXO I - Instrumento de coleta de dados.

Considerando os fatores abaixo relacionados, indique com que freqüência eles representam, **PARA VOCÊ**, fatores que **DIFICULTAM** sua prática de **ATIVIDADES FÍSICAS (AF)**.

FATOR	SEMPRE	QUASE SEMPRE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
Jornada de trabalho extensa					
Compromissos familiares (pais, cônjuge, filhos, etc.)					
Falta de clima adequado (vento, frio, calor, etc.)					
Falta de espaço disponível para a prática					
Falta de equipamento disponível					
Tarefas domésticas (para com sua casa)					
Falta de companhia					
Falta de incentivo da família e/ou amigos					
Falta de recursos financeiros					
Mau humor					
Medo de lesionar-se					
Limitações físicas (p. exemplo, muscular ou articular)					
Dores leves ou mal-estar					
Falta de energia (cansaço físico)					
Falta de habilidades físicas					
Falta de conhecimento ou orientação sobre AF					
Ambiente insuficientemente seguro (criminalidade)					
Preocupação com a aparência durante a prática					
Falta de interesse em praticar					
Outros (quais?):					



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



## FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAED

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO

### ATA DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No dia 3 de dezembro de 2024, às 15h, o estudante Willian Patrik Pereira Rodrigues, apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso, com o título “Percepção de barreiras para a prática de atividade física entre pessoas transgênero”, sob a orientação do professor Joel Saraiva Ferreira, como parte da exigência para conclusão do Curso de Graduação em Educação Física – Bacharelado, da Faculdade de Educação (FAED).

Após apreciação da banca avaliadora, composta por Joel Saraiva Ferreira (presidente), Edineia Aparecida Gomes Ribeiro (membro) e Marcelo Victor da Rosa (membro), o trabalho foi considerado: (X) Aprovado (\_\_\_) Reprovado.

Observações:

*A banca avaliadora ressaltou o potencial do trabalho para publicação em revista científica e indica a necessidade de correções indicadas na arguição.*

Por estarem de acordo, assinam a presente ata.

Joel Saraiva Ferreira (presidente)  
Edineia Aparecida Gomes Ribeiro (membro)  
Marcelo Victor da Rosa (membro)  
Willian Patrik Pereira Rodrigues (estudante)

*Joel Saraiva Ferreira*  
*Edineia Aparecida Gomes Ribeiro*  
*Marcelo Victor da Rosa*  
*Willian Patrik Pereira Rodrigues*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS)

Cidade Universitária, S/Nº - Caixa Postal 549 - CEP 79070-900 – Campo Grande (MS)

<http://www.ufms.br> – Fone/Fax: (67) 3345-7000